

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS



Coleção **LITERATURA UNIVERSAL**

• A revolução dos bichos, *George Orwell*

• 1984, *George Orwell*

**GEORGE
ORWELL**

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS



Tradução: Marcelo Barbão



Título original: *Animal Farm*

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*

Coordenação de arte: *Daniilo Alves*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Luciana Mourão Maio*

Capa e projeto gráfico: *Elisa Zuigeber*

Tradução: *Marcelo Barbão*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Orwell, George, 1903-1950

A revolução dos bichos / George Orwell; tradução de Marcelo Barbão. - São Paulo: Paulus, 2022.
(Coleção Literatura Universal)

ISBN 978-65-5562-505-9

Título original: *Animal Farm*

1. Ficção inglesa I. Título II. Barbão, Marcelo

22-1131

CDD 823

CDU 82-3(410)



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-505-9

SUMÁRIO

Capítulo I	7
Capítulo II	21
Capítulo III	35
Capítulo IV	47
Capítulo V	57
Capítulo VI	75
Capítulo VII	91
Capítulo VIII.....	111
Capítulo IX	133
Capítulo X	153



CAPÍTULO I

O Sr. Jones, da Fazenda do Solar, tinha trancado o galinheiro à noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar todas as janelinhas. Com o feixe de luz da sua lanterna dançando de um lado para o outro, ele cambaleou pelo jardim, arrancou as botas na porta dos fundos, serviu-se um último copo de cerveja do barril na cozinha e foi direto para a cama, onde a Sra. Jones já estava roncando.

Assim que o quarto ficou escuro, toda a fazenda voltou a se agitar. Tinha corrido o boato, durante o dia, de que o velho Major, um premiado porco da raça *middle white*, tivera um sonho estranho na noite anterior e queria contá-lo aos outros animais. Tinham combinado de se encontrar no grande celeiro, assim que o Sr. Jones estivesse fora do caminho e tudo estivesse seguro. O velho Major (ele sempre era chamado assim, apesar de

já ter sido exibido usando o nome Beleza de Willingdon) era tão querido na fazenda que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Em uma ponta do grande celeiro, no que parecia ser uma espécie de palco elevado, Major já estava deitado em sua cama de palha, debaixo de uma lanterna pendurada em uma viga. Ele tinha doze anos e engordara bastante nos últimos tempos, mas ainda era um porco majestoso, com uma aparência sábia e benevolente, apesar de que suas presas nunca tinham sido cortadas. Não demorou para que os outros animais comessem a chegar e se acomodar, cada um do seu jeito. Primeiro chegaram os três cachorros, Bluebell, Jessie e Pincher, depois os porcos, que se acomodaram na palha, bem em frente ao palco. As galinhas se empoleiraram nos parapeitos, as pombas voaram até as vigas, as ovelhas e vacas deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Boxer e Clover, chegaram juntos, caminhando bem devagar e com cuidado para não pisar em nenhum animal pequeno oculto na palha com seus cascos peludos. Clover era uma égua corpulenta e maternal não tão nova, que nunca tinha recuperado a silhueta depois do quarto

parto. Boxer era um animal enorme, tinha mais de 1,80 metro de altura, e era tão forte quanto dois cavalos juntos. Uma mancha branca que descia por seu focinho dava uma aparência um tanto quanto estúpida, e, na verdade, ele não era muito inteligente, mas era respeitado por todos por seu caráter firme e incrível força. Depois dos cavalos, chegaram Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o asno. Benjamin era o animal mais velho da fazenda, e o que tinha o pior temperamento. Quase nunca falava, e, quando o fazia, era normalmente algum comentário cínico – por exemplo, diria que Deus lhe havia dado uma cauda para espantar as moscas, mas que ele preferia não ter nem cauda nem moscas. Era o único entre os animais da fazenda que nunca ria. Se perguntassem, diria que não via nenhum motivo para rir. Mesmo assim, sem admitir abertamente, ele adorava Boxer, e era comum que os dois passassem os domingos juntos na pequena pastagem atrás do pomar, lado a lado, em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se acomodar quando uma ninhada de patos que tinham perdido a mãe entrou no celeiro, piando baixinho e andando de um lado para o outro, tentando encontrar algum lugar onde não fossem pisados.

Clover fez um tipo de parede ao redor deles com sua enorme pata dianteira, e os patinhos se aninharam no meio dela, dormindo em seguida. No último momento, Mollie, a linda e frívola égua branca que puxava a carroça do Sr. Jones, chegou toda afetada e graciosa, mascando um pedaço de açúcar. Ela se posicionou perto da frente e começou a mover sua crina branca, esperando chamar atenção para as fitas vermelhas que estava usando. Por último, chegou a gata, que ficou procurando, como sempre, o lugar mais quentinho, e, finalmente, se apertou entre Boxer e Clover; ali ela ronronou contente durante todo o discurso do Major, sem prestar atenção em nenhuma palavra que ele dizia.

Todos os animais estavam presentes agora, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia em um poleiro perto da porta dos fundos. Quando Major viu que todos estavam confortáveis e esperavam atentamente, pigarreou e começou:

– Camaradas, vocês já ouviram falar do estranho sonho que tive ontem à noite. Mas vou contar sobre o sonho mais tarde. Tenho outra coisa para falar primeiro. Não acho, camaradas, que estarei com vocês por muito mais tempo, e, antes de morrer, sinto que é meu dever passar a vocês a

sabedoria que adquiri. Tive uma longa vida, tive muito tempo para pensar enquanto estou sozinho no meu chiqueiro, e acho que posso dizer que entendo a natureza da vida nesta terra, assim como qualquer outro animal que agora vive. É sobre isso que quero falar com vocês.

– Então, camaradas, qual é a natureza das nossas vidas? Falemos sério: nossas vidas são terríveis, dedicadas ao trabalho e curtas. Nascemos, recebemos comida suficiente para continuar respirando, e os capazes são forçados a trabalhar até o último suspiro de suas forças; e, no instante que nossa utilidade termina, somos abatidos com uma crueldade hedionda. Nenhum animal na Inglaterra sabe o significado da felicidade ou do lazer depois de completar um ano de vida. Nenhum animal da Inglaterra é livre. A vida de um animal é tristeza e escravidão: essa é a verdade.

– Mas isso é simplesmente parte da ordem natural das coisas? É porque essa nossa terra é tão pobre que não pode garantir uma vida decente para aqueles que vivem nela? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, seu clima é bom, é capaz de garantir comida em abundância para um número ainda maior de animais do que os existentes agora. Só esta nossa fazenda poderia

sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas... e todos vivendo com conforto e dignidade que nem podemos imaginar. Por que, então, continuamos a viver nesta condição miserável? Porque quase todo fruto do nosso trabalho é roubado pelos seres humanos. Aí, camaradas, está a resposta para todos os nossos problemas. Tudo se resume a uma única palavra: Homem. O Homem é o único inimigo real que temos. Tiremos o Homem de cena, e a fonte da fome e do excesso de trabalho será abolida para sempre.

– O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, não bota ovos, é muito fraco para puxar o arado, não consegue correr rápido o suficiente para caçar coelhos. Mesmo assim, ele é o senhor de todos os animais. Ele os obriga a trabalhar, dá o mínimo para evitar que morram de fome e fica com o resto. Nosso trabalho cultiva o solo, nosso esterco fertiliza e mesmo assim nenhum de nós é dono de nada além da própria pele. Vocês, vacas, que estão aqui na minha frente, quantos milhares de litros de leite produziram durante o último ano? E o que aconteceu com todo aquele leite que deveria ter sido usado para alimentar e fortalecer seus bezerros? Cada gota desceu pelas gargantas dos nossos

inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos botaram neste último ano, e quantos deles foram chocados para que os pintinhos pudessem nascer? O resto foi todo para o mercado, para dar dinheiro ao Jones e seus homens. E você, Clover, onde estão os quatro potros que nasceram, que deveriam apoiá-la e alegrá-la quando ficar velha? Cada um foi vendido quando completou um ano; você nunca mais verá nenhum deles. Em troca de seus quatro partos e todo seu trabalho nos campos, o que você recebeu além de suas mínimas rações e uma baia?

– E não deixam nem vivermos o tempo natural destas nossas miseráveis vidas. Eu não reclamo, porque tive sorte. Tenho doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. Essa é a vida natural de um porco varrão. Mas nenhum animal escapa da cruel faca no final. Vocês, leitões, que estão sentados na minha frente, todos irão gritar por suas vidas quando estiverem no matadouro, dentro de um ano. E todos nós passaremos por esse horror: vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Nem os cavalos e os cachorros têm um destino melhor. Você, Boxer, no dia em que esses seus grandes músculos perderem força, Jones vai vendê-lo para o matadouro, onde irão cortar sua

garganta e fervê-lo para os cães de caça. Quanto aos cães, quando ficarem velhos e desdentados, Jones vai amarrar um tijolo ao redor do pescoço e afogá-los no lago mais próximo.

– Não está bastante evidente, então, camaradas, que todos os males desta nossa vida nascem da tirania dos seres humanos? Somente quando nos livrarmos do Homem, o produto do nosso trabalho será nosso. Quase imediatamente poderíamos ser ricos e livres. O que devemos fazer, então? Ora, trabalhar noite e dia, com corpo e alma, para derrotar a raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando essa Rebelião vai acontecer, poderia ser em uma semana ou em cem anos, mas sei, com tanta certeza como vejo esta palha debaixo dos meus pés, que cedo ou tarde a justiça será feita. Que esse seja o objetivo de vocês, camaradas, durante o pouco que sobra de suas vidas! E, acima de tudo, transmitam minha mensagem para quem vier depois, assim as futuras gerações poderão continuar a luta até a vitória.

– E lembrem-se, camaradas, sua determinação não deve nunca fraquejar. Vocês não devem se perder em nenhuma discussão. Nunca deem ouvidos quando disserem que o Homem e os

animais têm um interesse em comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. São todas mentiras. O Homem só se interessa por si mesmo. E, entre nós, os animais, deve existir unidade perfeita, camaradagem perfeita na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Nesse momento houve um grande alvoroço. Enquanto o Major estava falando, quatro grandes ratos tinham saído de suas tocas e estavam sentados sobre as patas traseiras, ouvindo. Os cachorros avistaram os quatro de repente, e foi só porque conseguiram correr de volta às suas tocas que eles se salvaram. Major levantou sua pata pedindo silêncio.

– Camaradas – ele falou –, aqui está uma questão importante que devemos resolver. As criaturas selvagens, como ratos e coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Vamos votar. Proponho esta pergunta à reunião: Os ratos são camaradas?

Eles votaram imediatamente, e foi decidido por uma maioria esmagadora que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cachorros e a gata, que, foi descoberto posteriormente, tinha votado para os dois lados. Major continuou: